



Jorge Fernando dos Santos

Procura-se um fantasma

Ilustrações: Filipe Rocha

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Gerente editorial • Rogério Gastaldo
Editora-assistente • Solange Mingorance
Preparação de texto • Ronaldo Antonelli
Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. (coord.) / Thâmara Veríssimo

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa
Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto
Diagramação • Edsel Moreira Guimarães
Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design
Produtor gráfico • Rogério Strelciuc
Impressão e acabamento •

Coordenação eletrônica • Silvia Regina E. Almeida
Suplemento de leitura e Projeto de trabalho interdisciplinar • Shirley Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Jorge Fernando dos
Procura-se um fantasma / Jorge Fernando dos Santos ; ilustrações
Filipe Rocha. – 1ª ed. – São Paulo : Atual, 2009. – (Entre Linhas:
Mistério)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0885-1

ISBN 978-85-357-0886-8 (professor)

1. Literatura infantojuvenil I. Rocha, Filipe II. Título

08-11170

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Jorge Fernando dos Santos, 2008.

SARAIVA S.A. Livrinhos Editores
Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros
05413-010 – São Paulo – SP
Todos os direitos reservados.

1ª edição / 3ª tiragem
2014

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
| www.editorasaraiva.com.br/contato

841436.001.003



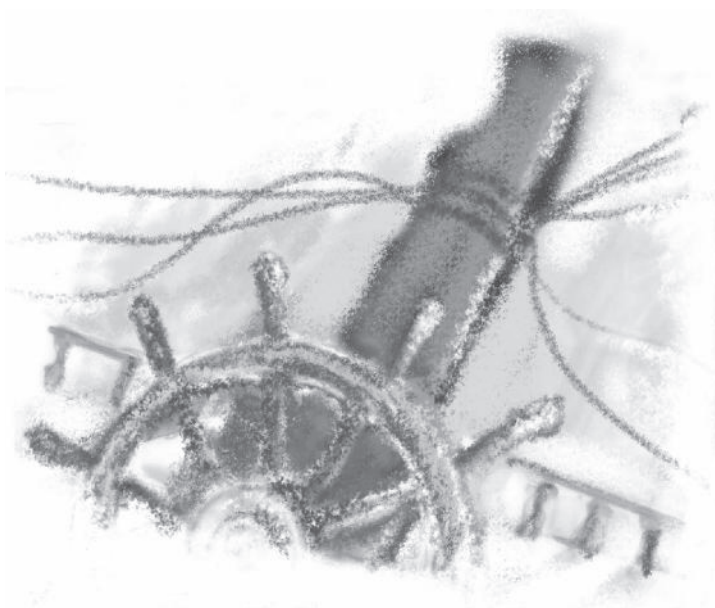
"Às vezes o mundo dos mortos
se mistura ao mundo dos vivos."

Os outros, filme de Alejandro Amenábar

"Ah, a gente tem de mover-se entre homens – os reais
fantasmas, e de partilhar das dúvidas e desordens, que, sem
cessar, eles produzem..."

A simples e exata estória do burrinho do Comandante,
conto de Guimarães Rosa em *Estas estórias*

Sumário



Prólogo: Procura-se um fantasma! 6

1. Viagem inesperada 7

2. De volta no tempo 10

3. Morte súbita 13

4. Último brinde 15

5. A cara do dono 18

6. Ateus, graças a Deus 21

7. Os quartos da casa 23

8. No escuro da noite 25

9. Mão de gancho 28

10. Café da manhã 30

11. A maldição do pirata 33

12. Visita à catedral 37

13. Que maravilha viver!	41
14. Futebol de rua	44
15. Um probleminha	46
16. No calor da batalha	49
17. A herança de Fausto	51
18. Casualidades da vida	55
19. <i>Tour</i> fantasmagórico	58
20. Adeus às aulas	63
21. Canteiro de obras	66
22. Rumores e notícias	68
23. Segundas intenções	71
24. Pacto sinistro	73
25. A alma do negócio	77
26. Doces ou travessuras	79
27. Ladrões de cemitério	81
28. Contagem regressiva	84
29. Adeus, Sancho Perro	86
30. Ducha de água fria	88
Epílogo: Hóspedes ilustres	91



Prólogo

Procura-se um fantasma!

Minutos depois de ser inaugurada, ontem à noite, a Pousada Halloween perdeu seu hóspede mais ilustre. O fantasma do pirata Sancho Perro, que durante décadas assombrou o antigo chalé da avenida Ipiranga nº 666, mudou-se de mala e cuia para o oceano Atlântico, deixando desolado o novo dono do imóvel.

A manchete estampada na primeira página do jornal *Tribuna de Petrópolis* parecia finalizar uma história extraordinária que, por algum tempo, havia mexido com a imaginação dos moradores da antiga cidade serrana do estado do Rio de Janeiro. No entanto, a reportagem não detalhava os últimos acontecimentos, que poderiam muito bem ter saltado dos fotogramas de um filme de mistério para arrepiar espectadores desavisados...

1

Viagem inesperada



Para Ricardo de Sousa Barbosa, a vida nunca mais seria a mesma desde aquele início de tarde em que desembarcou na antiga rodoviária de Petrópolis. Segunda-feira de inverno, fria e chuvosa. Um daqueles dias nublados que prenunciam a primavera em regiões serranas do Brasil. E o fato de não ver o azul do céu provocou nele uma rara sensação de melancolia.

Ricardo percorreu de táxi os hotéis e pousadas da cidade, mas não encontrou nenhum leito disponível. O Dia da Pátria, 7 de setembro, cairia na terça-feira, e haveria turistas vindos de vários pontos do país para aproveitar o fim de semana prolongado.

Professor de História no Colégio Halfeld, em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, ele havia reservado o período de folga para corrigir trabalhos dos alunos sobre lugares mal-assombrados que se transformaram em famosos pontos turísticos da Europa. Seu propósito era associar locais pitorescos a personagens e momentos históricos do Velho Mundo, visando tornar as aulas mais interessantes. No entanto, de uma hora para outra, viu-se obrigado a interromper a atividade para comparecer ao enterro do tio e conferir a herança que ele havia lhe deixado.

O velho capitão Fausto de Sousa havia comandado o contratorpedeiro Amazonas e fora desligado da Marinha brasileira por razões políticas logo depois do golpe militar de 1964. Era bem conhecido em Petrópolis devido ao distante parentesco com o Barão de Mauá, sendo tio de Ricardo em segundo grau por parte de mãe.

Solteirão e de poucos contatos com o sobrinho de 23 anos, seu único parente vivo, o ex-militar era muito reservado, de temperamento excêntrico e chegou a ser apelidado de Dom Casmurro. Costumava falar sozinho mesmo na presença de visitas, que, por sinal, eram raras. Não fosse o padre Arnaldo Py, vigário da catedral de São Pedro de Alcântara, e o reverendo Amadeus Schirmer, da igreja evangélica Luterana Alemã, Fausto nem poderia dizer que teve amigos.

Os dois sacerdotes o conheciam desde os tempos da Marinha. Padre Arnaldo havia sido um jovem capelão, enquanto o então futuro reverendo apenas cumprira o serviço militar na condição de marinheiro. De certa maneira, ambos disputavam a alma do capitão ateu desde a juventude.

Vivendo da renda proporcionada pelas ações da Petrobrás deixadas pelo pai, que havia sido deputado na República Velha, capitão Fausto recusou os benefícios da anistia ampla, geral e irrestrita. Alegou não ter cometido nenhum crime ao defender ideias contrárias aos interesses do regime de exceção que fora imposto pelo poder das armas.

Acima de tudo, a exemplo do pai, Fausto se considerava um liberal-democrata, e nada do que fizera foi visando a vantagem

pessoal. Até porque não tinha nenhuma militância partidária. Apenas achava um absurdo que o legítimo direito ao voto fosse atropelado pelo autoritarismo de forças conservadoras.



Mesmo com os direitos políticos restituídos durante o processo de redemocratização do país, Fausto abriu mão de qualquer indenização por perdas e danos. Ele entendia que o Estado e a Nação, já tão espoliados pelas classes dominantes, não deveriam pagar pelos erros dos poderosos de plantão.

Aos 77 anos, o tio de Ricardo poderia dizer que levou uma vida modesta. Sua conta telefônica quase sempre viera com o valor mínimo, e ele só saía de casa de vez em quando, para caminhar em volta do Palácio de Cristal. Foi ali que sua noiva, Maria Beatriz Fonseca de Alcântara, morrera na flor da idade, há mais de quatro décadas.

Aspirante a oficial metido no uniforme de linho branco engomado, Fausto aproveitara um fim de semana de folga para se encontrar com a jovem de olhos verdes e cabelos loiros encaracolados. Ambos passeavam de mãos dadas numa tarde de sábado, quando ela sofreu um ataque quase inexplicável. No fino pescoço da moça, brilhava o medalhão que o noivo acabara de lhe dar de presente: uma rosa de ouro incrustada de rubis, com a qual ela seria sepultada no dia seguinte, no cemitério municipal, perto do mausoléu imperial, bem ao lado de uma tumba onde havia uma estrela de Davi.